

Esboço de Cristina Reis para cenografia de *A tragédia de Júlio César* [programa do espetáculo].

A inevitável política de um gesto

Rui Pina Coelho

Quando a 27 de Março de 2007 assinei a crítica que fiz a este espectáculo para o jornal *Público* (que titulei "Processo trágico em curso"), terminava com a frase: "é para isto que o teatro serve". E se, por vezes, há frases a que o passar do tempo vem, sinuosamente, retirar alguma da sua original justeza, esta julgo que ainda traduz a enorme alegria e a profunda inquietação que foi assistir a este espectáculo: "é para isto que o teatro serve", escreveria outra vez.

O espectáculo *A tragédia de Júlio César*¹ congregou várias circunstâncias extraordinariamente felizes. Em primeiro lugar, foi a primeira vez que se apresentou este texto em Portugal – não obstante de, em 1964, o Teatro do Ateneu de Coimbra ter solicitado permissão à Comissão de Exame e Classificação de Espectáculos para representar este texto

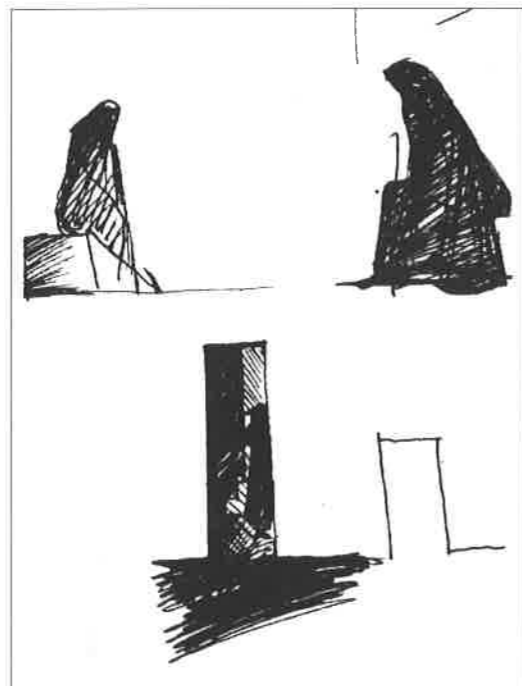
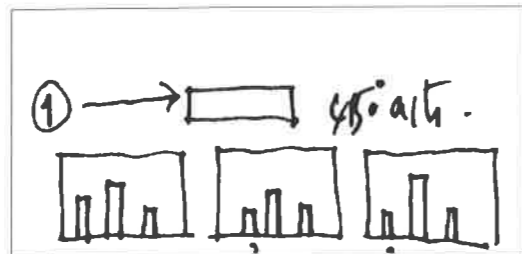
de William Shakespeare – intento toscamente indeferido pelo censor com o argumento de que a peça "só poderá ser aprovada com inúmeros cortes. Considera-se pouco conveniente fazer cortes em textos de autores como este"...

Em segundo lugar, resultou de um esforço de produção entre o Teatro da Cornucópia e o São Luiz Teatro Municipal, uma entidade que, solidamente, se vai constituindo como um dos mais cativantes espaços teatrais da capital, sendo que este espectáculo contribuiu determinadamente para a consolidação deste estatuto.

Em terceiro lugar, a tradução do texto – com a qualidade e rigor a que nos habituou já a "parceria" José Manuel Mendes, Luís Lima Barreto e Luís Miguel Cintra – resultou em mais um volume da colecção de teatro dos Livros Cotovia.

¹ Uma análise mais pormenorizada deste espectáculo encenado por Luís Miguel Cintra foi publicada no número 7 desta revista: Maria Helena Seródio, "Uma perturbadora encenação da realidade", pp. 84-87.

<>
v
Esboço de Cristina Reis
para cenografia de
A tragédia de Júlio César
[programa do espectáculo].



Em quarto lugar, aos habituais actores que têm vindo a trabalhar com a companhia juntou-se um notável grupo de jovens intérpretes, proporcionando trabalhos memoráveis. A liderar um elenco de 23 actores apareciam Luís Miguel Cintra (no papel de César), Dinarte Branco (como Bruto), Ricardo Aibéo (como Cássio) e Nuno Lopes (como Marco António), com interpretações rigorosas, seguras e assumidamente individualizadas, onde dialogavam inteligentemente os "tempos" e os "teatros" de cada um. A este grupo juntar-se-ia depois um perturbante Vítor d'Andrade no papel de Octávio César. Mas também lá estavam André Silva, Dinis Gomes, Edgar Morais, Filipe Costa, Hugo Tourita, Ivo Alexandre, Joaquim Horta, José Manuel Mendes, Luís Lima Barreto, Luís Lucas, Martim Pedroso, Nuno Gil, Pedro Lacerda, Pedro Lamas, Rita Durão, Teresa Sobral, Tiago Matias e Tónan Quito, todos contribuindo para uma impressionante figuração das personagens desta tragédia.

Em quinto (e não menos importante) lugar, este espectáculo proporcionou a Cristina Reis (nos cenários e figurinos), a Vasco Mendonça (na música original) e a Daniel Worm D'Assumpção (no desenho de luz) realizações de extraordinária eficácia e de grande consequência dramática, explorando magistralmente as potencialidades arquitectónicas do palco do S. Luiz e problematizando a relação entre plateia e cena que este sugere, fazendo deste espaço teatral, municipal e público, a metáfora suficiente para discutir uma Roma em convulsões políticas.

Mas estas, ainda que felizes, não deixam de ser razões circunstanciais. O que, em última análise, motiva o júri



nomeado pela APCT a reconhecer a excelência e a singularidade de *A tragédia de Júlio César* é o desassombro e a lucidez com que o texto de Shakespeare serviu para tratar temas tão prementes como a guerra e o poder e para fazer uma descomplexada análise da mais recente história nacional e do actual panorama internacional. Ainda que se ancorasse a leitura numa observação atenta da palavra shakespeariana, a encenação de Luís Miguel Cintra convocava, de uma maneira surpreendente e fulgurante, as convulsões do pós-25 de Abril de 1974 e da guerra no Iraque (e, em última instância, de todas as guerras de todos os tempos e em todas as partes).

Este exigente exercício, que obriga a reconhecer a falência da Revolução, abriga também o corajoso gesto de encontrar optimismo na dissecação do fracasso. Tudo isto fez de *A tragédia de Júlio César* um espectáculo com memória e, simultaneamente, brutalmente eficaz no diálogo com o presente. E sim, é para isto que o teatro serve.